



## *As sextas-feiras de Nana*

As noites de sexta-feira em casa da avó Nana começam logo de manhã cedo na cozinha. Nós comemos pão com doce de pêssigo, que é o nosso preferido.

Nana bebe chá, que está muito quente, e sopra para dentro da taça antiga de porcelana chinesa, fazendo pequenas ondas.

— Hoje não tenho escola! — digo a cantar. — Que sorte que eu tenho!

— Hoje não tens escola! — responde. — Que sorte que EU tenho!

— Agora fala-me da noite de hoje – peço.

— Vem a família toda! Vem para o *Sabbath* e nós temos muito que fazer!

Nana apressa-se a fazer a cama e a limpar os quartos. Eu estou encarregada de alisar as almofadas.

Nana lava as porcelanas chinesas e passa a ferro os vincos da renda da toalha de mesa.

Eu dobro guardanapos com bordos de renda.

Nana inspecciona se faltam botões no seu vestido de *Sabbath*, azul marinho, de gola branca e punhos brancos também.



— É altura de fazer a tarte? — pergunto.

— Daqui a pouco, Jennie.

Eu puxo e volto a puxar o lustro a dois candelabros.

— Já é altura agora?

— É – diz Nana, estendendo a massa, e eu deito açúcar nas maçãs para a tarte.

Em seguida, ela entrança os *challah* (*Challah* – Pão tradicional para o *Sabbath* e outras festas judaicas.) e mete-os no forno.

Ao meio-dia comemos sandes no parque, perto do rio. Bebemos também uma chávena de cacau.

O céu está cinzento e o vento sopra do rio, levantando-nos o cabelo, e nós dançamos para nos mantermos quentes, com os ponchos vestidos e as luvas calçadas.

Depois, andamos pela cidade de mãos dadas, à procura de flores roxas, que são as nossas preferidas.

— Oh, obrigada! — diz Nana.

— Obrigada — repito, saltitando pelo passeio com as flores.

Quando regressamos a casa de Nana, pomo-las numa jarra alta com água.

— É altura de nos vestirmos? — pergunto.

— Daqui a pouco, Jennie.

Mais para o fim da tarde, a casa está toda esfregada, a sopa de cevada já ferve e os *challah* estão a arrefecer. O frango aloura no forno e as batatas também.

— Agora já é altura?

— É — diz Nana.

Nós vestimos os nossos vestidos, ambos azul-marinho. Os sapatos também são

azuis. Nana põe batom nos lábios, olhando-se ao espelho.

Pomos a mesa, contamos os talheres de prata e as taças da sopa, os copos que cintilam.

Nana pica o frango para ver se está tenro.

Lá fora escurece.

— Nana, olha! Neve!

A campainha da porta toca e a família precipita-se para dentro, abraçando Nana.



Também me abraçam a mim, principalmente os meus pais, e eu faço cócegas ao meu irmão bebé, o Lewis, metido no fatinho de bebé.

A campainha toca de novo e entra mais família de rompante. Os tios, as tias e os primos. Toda a gente fala ao mesmo tempo, tiram os sapatos aos pontapés, atiram os sobretudos para cima das cadeiras.

No forno, a minha tarte já começa a cheirar.

— Já é altura? — pergunto.

— Agora é — diz Nana, e finalmente chega o melhor momento da noite.

Nana acende as velas e os nossos vestidos tocam um no outro; ela murmura orações de *Sabbath* e todos ficam em silêncio. Até o Lewis.

Daí a pouco, estamos a mastigar os *challah* e a passar taças de sopa, e todos falam ao mesmo tempo sentados à comprida mesa de jantar.

Lá fora, o vento uiva. A neve levanta-se em lindos rodopios brancos.

Mas aqui dentro as velas tremulam. Um cântico de *Sabbath* está no ar. É altura da tarte, e nós estamos todos juntos na sexta-feira de Nana.



Amy Hest  
*The Friday nights of Nana*  
Cambridge, Candlewick Press,  
2001  
Tradução e adaptação